



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de homenagem a Apolônio e Renée de Carvalho**

Rio de Janeiro-RJ, 22 de junho de 2009

Querida companheira Renée de Carvalho,
Querida companheira Paulete (incompreensível),
Companheiros René Louis e Raul de Carvalho, filhos do nosso querido
Apolônio,
Governador Sergio Cabral,
Companheiros ministros que me acompanham neste ato,
Senador Paulo Duque,
Prefeito Eduardo Paes,
Embaixador francês,
Cônsul-Geral da França,
Meus amigos convidados,
Minhas amigas,
Companheiros da imprensa,

Estar aqui hoje em uma das mais importantes e simbólicas atividades do
Ano da França no Brasil para homenagear alguém com a trajetória de vida do
saudoso Apolônio de Carvalho, na presença da sua companheira Renée,
companheira de toda a vida e uma guerreira singela e fraterna é, para todos
nós, motivo de orgulho e emoção.

Homenagear Apolônio é muito mais do que lembrar de um companheiro
e amigo querido. É certo que entre nós o companheirismo estará sempre
associado ao sentido humanista inscrito na luta política que abraçamos
coletivamente. Mas nesse caso, a memória transcende a afinidade pessoal e a
amizade se torna um dever. Dever de reiterar valores e caminhos que ele



defendeu e seguiu, muitas vezes, com o risco da própria vida.

Hoje as referências de Apolônio e Renée ainda guiam os passos, iluminam as dúvidas, encorajam as decisões daqueles que compartilham os mesmos compromissos diante do nosso povo e da nossa história.

A recuperação da memória, assim entendida, não se confunde com nostalgia. Trata-se, ao contrário, de uma projeção do futuro contido na energia encorajadora de um grande homem e de uma grande mulher que nunca se acanharam diante dos desafios da história e que, sobretudo, nunca se deixaram embrutecer pelas adversidades, nem tampouco se permitiram qualquer deslumbramento pelas vitórias conquistadas. Esse traço de ternura desassombra, tão precioso na vida política, distinguia Apolônio de Carvalho e distingue Renée como expressão de uma integridade humana ímpar.

Companheiros e companheiras,

A verdade é que mesmo os que combateram Apolônio reconheciam um gigante ético e humano abrigado em um militante político inquebrantável, de corpo tão esguio e desempenado quanto o seu próprio caráter. Assim era ele, um homem que sempre confirmou o otimismo e frustrou os derrotados de antemão.

Sua crença no futuro da Humanidade não era desprovida de conteúdo histórico. A verdade é que Apolônio não concebia outra forma de viver que não aquela engajada na elaboração e efetivação de políticas públicas, direitos e deveres que permitissem humanizar a própria sociedade humana. Nele, nada disso era postição. A luta pela justiça social não respondia apenas a um imperativo da sua consciência. Era também uma dimensão vital de existência, tão inexorável quanto respirar, saciar a sede, tomar sol, sorrir e amar.

Foi esse impulso que o tornou uma lenda, em vida. Uma vida de romance e de filme, que ele protagoniza com naturalidade desconcertante. Herói de três nações, personagem de livro de Graciliano Ramos e Jorge Amado, combatente da Guerra Civil Espanhola, comandante de um batalhão



de 2 mil homens na Resistência Francesa. E foi nas trincheiras da luta, na França, que Apolônio conheceu Renée, militante política que combateu pela libertação de seu país e depois (incompreensível) no Brasil, para recuperarmos a liberdade e a democracia. Sempre discreta, como é de seu estilo, mas nem por isso menos efetiva em sua presença e em suas ações.

Meus amigos e minhas amigas,

O repúdio de Apolônio a todas as formas de opressão, em especial a miséria e a desigualdade, guiou a trajetória desse herói que lutou contra a ditadura no Brasil, fundou o PT e integrou sua Direção durante seis anos. Todos se lembram dele como alguém que sabia expressar com maestria a força e a precisão das idéias, sobretudo por meio do idioma universal do exemplo. Apolônio fez dessa linguagem, com e sem palavras, o grande trunfo que explica a sua permanência no coração dos democratas e socialistas de todas as idades e de todos os lugares.

Quero crer que o nosso governo, coerente com os ideais que compartilhamos com Apolônio e Renée, está mudando o Brasil e ampliando o horizonte das possibilidades dos que virão depois de nós, tanto em termos sociais, quanto econômicos. E falo de objetivos concretos que sempre foram muito caros para todos nós, como maior geração de empregos, distribuição de renda, redução significativa das desigualdades, criação de oportunidades para a juventude brasileira e ampliação e aprofundamento da democracia com maior participação social.

Se estivesse aqui, Apolônio certamente repetiria mais uma vez a legenda de sua vida, para dizer: “valeu a pena sonhar”. E completaria, com todos nós: “vale a pena prosseguir com firmeza e persistência”. O Brasil que sempre sonhamos está vivo e ao alcance de nossas mãos. Tenho certeza de que todos aqui concordam: a melhor forma de honrar a trajetória de vida de Apolônio e Renée é continuar erguendo pontes entre os seus sonhos e a vida, em nosso tempo.



Eu queria, querida Renée, utilizar do meu improviso aqui, aproveitando que tem gente mais nova do que nós aqui, para que a gente compreenda o significado por que pessoas como o Apolônio de Carvalho perduram, porque pessoas como o Apolônio de Carvalho transcendem a disputas menores que existem dentro da política brasileira, entre as tendências, as correntes.

Eu me lembro, meu caro amigo Sergio Cabral, da entrada triunfante do Apolônio de Carvalho, recém-voltado do exílio, na fundação do PT, no Colégio Sion. Ele, Mané da Conceição, Hibrain e outros companheiros, que entraram triunfantes, em uma reunião, que eu não sei se todos que estavam lá continuaram no PT ou persistiram no PT. O dado concreto é que o público que estava lá tinha comportamento tão sectário, que alguns que foram nunca mais voltaram, de medo do que acontecia ali dentro.

Depois eu me lembro do Apolônio nas reuniões do PT. O Apolônio, chegou um tempo em que a gente nem lia a pauta e ele já pedia a palavra, tal era a angústia dele com o sectarismo de companheiros que não queriam trabalhar para modernizar a compreensão de mundo que o PT teria que ter, se o PT precisasse chegar ao poder. A Renée participou de muitas reuniões dentro do PT, assistindo, sem pedir a palavra, sem falar, sem ser inscrita. E ela sabe perfeitamente bem que em momento algum, por mais que fosse tenaz a disputa interna do PT, em momento algum nós vimos o Apolônio de Carvalho levantar a voz. Ele não levantava a voz para os amigos, não levantava a voz para os inimigos, até porque é uma das lições que eu aprendi com o Apolônio de Carvalho: a gente, para ser respeitado, a gente não precisa falar alto e nem gritar com os outros, a gente precisa apenas se fazer ser respeitado. E isso a gente faz com comportamento, isso a gente faz com afeição, isso a gente faz tratando os outros com respeito.

Uma das coisas marcantes na vida do Apolônio... e é uma pena que o Apolônio de Carvalho não esteja vivo para ver o que está acontecendo no Brasil. É uma pena que ele morreu no dia 24 de setembro de 2005, um



momento não muito feliz para o PT, um momento não muito feliz para o governo, quando nós fomos vítimas de ataques que em outros momentos históricos derrubou presidentes, levou presidentes a se matarem e fragilizou tanto a democracia brasileira.

Mas mesmo naqueles momentos de crise, eu me lembro de uma visita que fiz a Apolônio de Carvalho. Ele tinha a sagacidade de dizer para a gente: “não desanimem, os adversários agem assim mesmo, sobretudo no Brasil. Uma parte da elite dominante não perdoa quem não seja dela e esteja no governo”. E foi uma pena que ele não esteja vivo (incompreensível) para ver o que está acontecendo no Brasil, para ver o que está acontecendo no Rio de Janeiro, para ver o que está acontecendo em Pernambuco, para ver o que está acontecendo na Bahia e em Sergipe e em quase todo o território nacional. Nós estamos longe, ainda, de construir o país dos nossos sonhos. Certamente, estamos muito longe, ainda, de construir o Brasil que Apolônio de Carvalho sonhava. Mas a verdade é que nós estamos construindo um Brasil, e por conta desse Brasil nós sonhamos, e por conta desse Brasil nós conseguimos organizar politicamente uma parte da sociedade brasileira.

Eu me lembro que, uma vez, terminou uma reunião do Diretório do PT e eu levei o Apolônio de Carvalho para dormir em casa. Nós paramos na Rua Jurubatuba, lá em São Bernardo do Campo, paramos em uma esquina, no bar do Baiano, e fomos comer uma moqueca e tomar uma cachacinha, que ninguém era de ferro, também. Depois de passar o sábado inteiro reunido no Diretório do PT, a gente merecia tomar uma cachacinha. E nós demos um azar, Renée, porque chegamos lá, caiu um pé d'água, e o bar encheu de água. Tinha um companheiro tocando timba. Timba é um instrumento, Sergio, que eu vou morrer sem aprender a tocar. A coisa mais bonita que eu acho, o cara com uma timba consegue fazer um samba de primeira qualidade. É uma timba e um negocinho de aço lá, uma escovinha de aço. Eu e o Apolônio ficamos em cima da mesa, sentados na cadeira, ouvindo o companheiro sentando em cima de



uma mesa, numa cadeira, com a sua timba, até quase às duas horas da manhã, até a água abaixar, para a gente ir embora para casa.

Aí o Apolônio começou a me contar da passagem dele na França, e começou a me contar de alguns ataques que ele fazia aos alemães, como é que ele fazia para tomar as armas dos alemães. Eu não acreditava – engraçado, isso – eu não acreditava que o Apolônio fosse capaz de ferir alguém, não acreditava. Se não fosse ele que estivesse me dizendo o que ele tinha feito para poder fazer a Resistência sair vitoriosa, eu, sinceramente, não acreditaria. Se fosse qualquer um aqui que contasse... você, eu ainda acreditaria, Renée. E ele, muito mais.

Agora, o mais importante do Apolônio de Carvalho é que a gente não via o Apolônio de Carvalho com rancor. No tempo em que eu convivi com o Apolônio, e vivemos momentos muito intensos no nosso partido, eu nunca vi o Apolônio de Carvalho intransigente, eu nunca vi o Apolônio de Carvalho guardar uma mágoa porque tinha perdido uma votação no Diretório do PT. Muitas vezes eu ficava até chateado, nervoso, porque o PT era muito jovem, meninos muito jovens e meninas, ou seja, as vezes achava que o Apolônio tinha virado de direita porque estava em uma posição muito mais eclética, do ponto de vista político. E precisa chegar aos 60 anos de idade para a gente compreender esse ecletismo que nós temos que ter na política, para poder chegar ao poder. O Apolônio tinha isso com antecedência, e por conta disso muita gente dizia: “ele está virando conservador, ele já não é mais o mesmo”.

Hoje eu percebo, Renée, eu me lembro quando eu... quando a gente perde muitas eleições, a gente aprende muito. Alguns não aprendem e desistem. Outros pegam os ensinamentos das derrotas e constroem uma vitória. Mas eu me lembro, Renée, que uma vez eu vim ao Rio de Janeiro fazer um comício e eu falei as palavras “eu quero fazer reforma agrária ampla, radical, sob o controle dos trabalhadores”. Mas eu babava, eu não falava como estou falando agora. Aí, eu desço do palanque e uma mulher fala assim para



mim: “Ô Lula, por que você não fala que você quer fazer reforma agrária, e está bom. Por que você tem que gritar tanto, que assusta a gente”. O Apolônio falava isso com uma tranquilidade, ele falava rindo as coisas que a gente falava gritando. Ele falava com os olhos alegres aquilo que a gente falava com raiva. As palavras saíam suavemente da boca dele, e da nossa saíam com muita aspereza.

Eu me lembro, Renée, que quando eu fui candidato em 2002, nós fizemos uma pesquisa. Lá estava escrito assim: 83% do povo queria reforma agrária tranqüila e pacífica; eu não vi mais de duas semanas para conseguir gravar um programa de televisão utilizando as palavras “tranqüila e pacífica”, porque eu estava acostumado a falar “ampla e radical, sob o controle dos trabalhadores”. Ou seja, eu acho que a vida inteira do Apolônio ele ensinou a gente a ter essa tranquilidade, a ter essa postura meiga, doce, sem abrir mão das suas convicções, sem abrir mão das suas argumentações, sem abrir mão daquilo que ele acreditava.

Eu acho bonito esse ato aqui, Renée, sabe por quê? Porque ultimamente eu ando com uma divergência com alguns companheiros meus, a gente fica chorando muito a morte dos nossos mortos e a gente não os transforma em heróis. A gente fica apenas querendo condenar os algozes e a gente não transforma ele em um herói. Eu acho que a gente precisa transformar o Apolônio em um herói. O Brasil é um país sem herói. Se você perguntar, em qualquer lugar deste país, seja do Oiapoque ao Chuí, quem é o único brasileiro, a gente só lembra de Tiradentes, que foi morto e perseguido como foi Apolônio de Carvalho, que foi morto e perseguido... Todo mundo lembra da história do Tiradentes, ou seja...

Então eu acho que nós... esse ato de homenagem ao Apolônio de Carvalho, e os franceses o fazem com galhardia porque o Apolônio, certamente, pela Resistência, foi uma figura marcante na história da França, certamente foi uma figura marcante na história da Espanha, embora não tenha



ganho. Mas a derrota dele permitiu que ele conhecesse a Renée depois, na França, e foi uma vitória exuberante, que perdura até hoje.

Eu não consigo imaginar, Renée, o Apolônio morto. Essa é a verdade. Eu vejo que o Apolônio é um companheiro que sempre nós vamos nos lembrar dele, porque ele está sempre junto conosco. E acho que os ensinamentos do Apolônio não são ensinamentos passageiros.

Eu conversei muito com o Apolônio, (incompreensível), sobre o Mario Alves, muito, até porque foram parceiros do PCBR. Eu achava engraçado a forma com que o Apolônio fazia as críticas... eu acho que menos críticas, mas (incompreensível) das organizações que ele tinha participado e que não pensavam no povo trabalhador, no povo mais humilde deste país. O Apolônio pensava, na sua grandeza. Tudo, para ele, era fazer com que o povo vivesse melhor. Eu lamento profundamente que o Apolônio não esteja aqui para viajar comigo no Brasil, para ver a cara de um aluno do ProUni.

Aliás, esses dias eu vi (incompreensível) publicar uma matéria outra vez, dizendo que os alunos do ProUni estão acima da média. Eles, que disseram que eu ia nivelar por baixo a educação, quando nós criamos o ProUni. São 541 mil jovens, dos quais 40% negros, que estão fazendo universidade neste país. Não há cota que consiga reverter um número dessa dimensão. Eu gostaria que o Apolônio tivesse ido comigo hoje no Paraná inaugurar o programa Luz para Todos. Na verdade, hoje nós inauguramos a ligação em... na verdade, foram 2 milhões e 40 mil famílias que receberam ligação. Isso é um montante de 10 milhões de pessoas. Veja que beleza, Renée. Assim que chega o Luz para Todos, 83% compraram televisão; 78% compraram geladeira; 44,7% compraram aparelho de som. Veja que coisa extraordinária, 41% começaram a estudar à noite, depois que chegou a energia elétrica. Ou seja, por que não se fez isso antes? Sabe, Apolônio, é porque os que governaram este país nem sabiam o que era candeeiro, a não ser por literatura, nunca viveram fazendo comida na base do candeeiro, (incompreensível) cuidar... Se o Apolônio



estivesse vivo, eu tenho certeza de que ele seria o mais extraordinário defensor dessas coisas que estão acontecendo. É um conjunto de pequenas coisas que junto dá uma dimensão extraordinária.

Por isso, eu quero agradecer a todos que participaram da constituição do projeto desta homenagem ao companheiro, porque o companheiro Apolônio, eu diria, não tem similar. Na esquerda brasileira tem pouca gente similar ao companheiro Apolônio, na sua grandeza e na sua paixão em tudo o que ele fazia.

Parabéns, querida Renée. E certamente, eu não vou dizer: ele só foi um grande homem porque tinha uma grande mulher atrás dele. Na verdade, eu poderia dizer: ele foi um grande homem e você, uma grande mulher.

Um abraço.

(\$211A)